

# Cidade nova

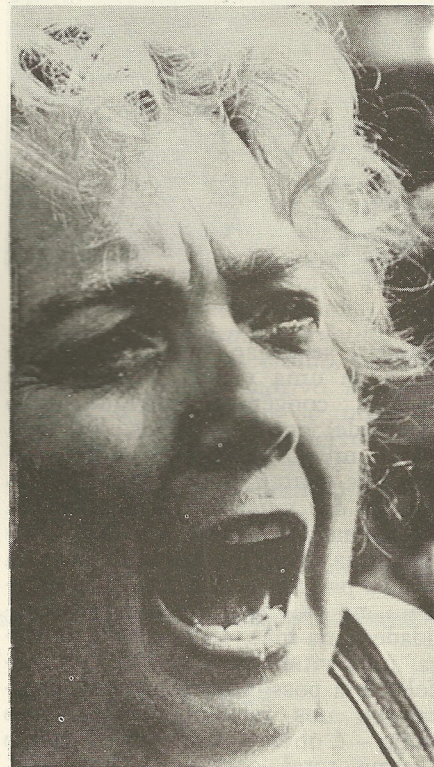
**Fraternidade sim  
Violência não**



Pesquisa:  
Eu e minha mãe

# **Fraternidade Sim Violência Não**

Reinaldo Fleuri



Este ano, em que a Campanha da Fraternidade completa seu 28º aniversário, o tema escolhido foi "Fraternidade sim, violência não". Uma proposta particularmente oportuna numa época em que o país passa por uma escalada de violência. Numa síntese nossa, apresentamos à reflexão dos leitores, o texto-base divulgado pela CNBB.

## Formas e dimensões da violência

«Violência é um fenômeno muito mais amplo que criminalidade – diz o texto base. É tudo o que fere ou esmaga a dignidade de qualquer pessoa. Violência são todas as formas de violação do corpo, da consciência e da vida: todas as formas de violação dos direitos humanos» (nº 4).

A primeira forma de violência é o que os bispos chamam de *violência divulgada*: rádio, televisão, imprensa, que divulgam diariamente os conflitos no campo e na cidade, os crimes, roubos, assaltos, assim como as violências de repressão policial à criminalidade. A crueldade presente nestes atos é ressaltada pelos meios de comunicação. E isso amedronta indivíduos e famílias, que se isolam e se tornam incapazes de buscar soluções eficazes que atinjam as causas do mal.

A segunda forma é a *violência silenciada*. O grande público é pouco ou mal informado a respeito da situação dos menores abandonados, dos internados nos hospitais, vítimas do trânsito, das condições precárias de moradia e alimentação. Ninguém fica sabendo que diariamente em numerosas clínicas secretas desaparecem milhares de vítimas inocentes do violento e sórdido tráfico do aborto. Os deficientes físicos são rejeitados e ocultados por suas famílias e pela sociedade. Os deficientes mentais são isolados e vigiados em instituições sem recursos para tratar deles (e – poderíamos nos perguntar neste caso – será que a decisão de suprimir os hospícios levaria a uma solução do problema?). Raramente se fica sabendo os horrores da violência a que são submetidos os detentos nos presídios, nos postos de triagem e nas instituições penais. E a situação dos idosos, quem se preocupa com eles ou valoriza devidamente a riqueza de sua experiência e da sua sabedoria acumulada, muitas vezes, no sofrimento?

Ainda é silenciada a violência que sofrem as mulheres dentro e fora do trabalho ou, pior ainda, nas casas de prostituição; os peões e bóias-frias. Nas cidades, milhões de operários trabalham mal remunerados e sem segurança de emprego. Pouco se considera a situação das empregadas domésticas e a dos moradores que são obrigados a pagar exorbitantes aluguéis... Tudo isso constitui a violência silenciada.

Os meios de comunicação, ao mesmo tempo que silenciam essas formas de violência indicadas acima, promovem, por outro lado, a violência como expressão de coragem e va-

lência. É a terceira forma de violência, que os bispos chamam de *violência escandalosa*. As estórias dos filmes e revistas acabam por convencer que o crime compensa. A pornografia viola a dignidade do corpo humano, especialmente da mulher. O consumismo de bens superfluos contrasta com a miséria da grande maioria e provoca frustrações em muitos que, aos poucos, vão se convencendo que só pelo crime poderão ter acesso ao mundo de conforto e delícias mostrado pela propaganda.

A quarta forma, enfim, é a *violência ocultada*. «São as violências não entendidas nem relacionadas como violação de direitos humanos. São consideradas como simples consequências inevitáveis de heranças históricas de conjunturas sócio-econômicas e políticas adversas». (nº 21).

Vítimas desta forma de violência são principalmente os negros e os índios. Os negros são mantidos, em sua maioria, a níveis inferiores da escola profissional, ou para muitas investidas policiais, são marcados como presumíveis criminosos. Esta discriminação é ocultada pela aparente cordialidade que o Brasil exhibe ao mundo como prova de que não existe racismo. Os índios, por sua vez, se vêem agredidos em sua cultura, privados de suas terras, exterminados ou forçados a se tornarem proletários rurais.

Existem, ainda, outras violências ocultadas. É a privação que leva à fome, sub-nutrição, analfabetismo e moradias indignas. É o desemprego, subemprego e o salário vil ou negado. É a repressão contra as manifestações pacíficas de protesto popular. São os regimes de força da América Latina que, apoiados na ideologia da Segurança Nacional, praticam violências brutais. É, sobretudo, o impedimento ao povo de participar da vida política, econômica e social da nação. «Estas formas de violência são atribuídas, com simplismo a desenvoltura, a condições conjunturais supostamente passageiras. E com isto se dispensa uma indagação mais séria, que a consciência nacional exige: uma conjuntura que perdura e se agrava sempre mais, será que não obriga a procurar a explicação em causas estruturais?» (nº 25).

### Causas sociais da violência

Frente a estas formas de violência, a CNBB levanta algumas questões para se encaminhar uma explicação desses fatos.

Primeiramente explicita algumas coincidências. A escalada da violência no país coincide com um período em que vem imposto um modelo econômico, não escolhido pelo povo. Este modelo econômico achata o poder aquisitivo do povo, exigindo deste austeridade que contrasta com os imensos gastos da tecnocracia que administra a União e as empresas estatais. A escalada da violência coincide ainda com um período em que a repressão arbitrária ao crime comum e ao crime político permanece impune e acaba sendo aceita pelo povo, devido ao sentimento generalizado de medo e insegurança. Além disso, o agravamento da violência coincide com a expansão dos meios de comunicação, que fomentam o consumismo e provocam frustrações que alimentam a agressividade. Coincide, também, com um período em que a demanda de bens de consumo básico, pela população que cresceu e se acumulou nas cidades, não é satisfeita por causa da deficiência da oferta, do desemprego, da inflação e do salário injusto.

E os bispos se perguntam: «Tanta-se mesmo de meras coincidências? Ou existem relações causais entre as estruturas sócio-econômicas, estes períodos e a escalada da violência nas suas diversas formas?» (nº 33).

### Interpretações enganadoras

Todo mundo acha que o povo brasileiro é bom, cordial e sempre sabe dar um jeitinho para evitar a violência. Partindo dessa idéia, tende-se a interpretar as manifestações violentas como provocadas por um subversivo, que explora a bondade natural do povo com fins egoísticos ou ideológico-políticos. Daí se conclui, sem mais, que o responsável é sempre um subversivo. Só que se taxa de subversivos também «agentes de pastoral, sacerdotes e bispos que se empenham na luta pacífica contra a violação dos direitos e da dignidade dos homens, especialmente dos mais destituídos de qualquer defesa. Exclui-se desse modo qualquer exame mais profundo sobre a vigência de estruturas mentais e sociais causadoras da violência» (nº 35).

A idéia de que “o brasileiro é bonzinho” serve também para justificar a repressão arbitrária: se o povo é bom, os que assaltam, roubam ou cometem crimes são considerados como um bando de criminosos cruéis, infiltrados no meio do povo para destruir a paz e a tranqüilidade.

Daí que, a repressão a estes criminosos, mesmo quando praticada por "esquadrões da morte", aparece como ato heróico e patriótico, mas ninguém se pergunta quais as causas que levam esses brasileiros ao crime, nem se o simples fato de matar os criminosos resolve o problema da violência, que é gerada por uma estrutura social mais ampla.

## Relações causais

Ao final deste primeiro capítulo do texto-base, os bispos levantam algumas hipóteses para se explicar as causas das várias formas de violência.

Será que as formas de violência divulgada não estariam servindo para gerar um clima de insegurança no povo? «Esta insegurança, assim fabricada, não estaria servindo para desviar a atenção dos problemas concretos que ficam sem solução? Não serviria para apontar como responsáveis apenas os delinquentes e criminosos, isentando de responsabilidade os que controlam a política econômica e social? Não serviria para estimular o medo e justificar a expansão dos mecanismos de controle do Estado sobre o cidadão?» (nº 38)

E por que razão, então, os meios de comunicação silenciam quanto a outras formas de violência? Não seria para atenuar e diluir a consciência de solidariedade social para com essas vítimas da violência não divulgada?

«Quanto à violência escandalosa, sua causa decisiva não seria a perda ou a redução do senso crítico da comunidade? A perda ou a redução da responsabilidade moral dos que dominam os meios de comunicação, movidos quase exclusivamente por índices de Ibopes?» (nº 40)

Enfim, quais seriam as causas da violência ocultada? Não seria uma forma opressora e paternalista de exercício da autoridade que se baseia na idéia «de que o povo tem direitos, mas não tem condições de maturidade para usá-los?»

O exame das formas da violência leva a concluir que «a não erradicação da injustiça social custa muito mais ao Brasil do que custaria sua erradicação».

## Como cristão julga a violência?

A fé revela a existência de um mistério de iniquidade penetrando esta realidade da violência.



Na maioria dos países latino-americanos não existe liberdade para manifestações pacíficas de protesto popular. Esta é uma das expressões da "violência ocultada".

«Todas as formas de violência tem sua fonte profunda na ânsia imoderada do ter, do poder e do prazer» (nº 45). Estas tentações conduzem o homem ao "pecado pessoal", que é «um fechar-se do homem em si mesmo, considerando-se como valor supremo de tudo e, para isso, instrumentalizando seus semelhantes» (nº 46).

Alguns pecados pessoais têm efeitos sociais mais graves, pois criam ou contribuem para manter estruturas sociais injustas e violentas. É o *pecado social*, «aquele pelo qual todos somos solidariamente responsáveis, na medida em que se vão criando estruturas sociais injustas, devido às nossas ações, e — ainda mais, talvez — às nossas omissões» (nº 48)

Manifestação do pecado social em nosso contexto é o consumismo e o hedonismo. O desejo insaciável de *ter mais*, a fim de *poder e gozar mais*, aumenta a agressividade e a violência. Aumenta as frustrações. E aumenta as tensões e divisões no interior das famílias, até as tensões e divisões entre nações, que alimentam a trágica corrida armamentista.

A fé indica nas raízes da violência a presença de um espírito do mal. Suas seduções do ter, do poder e do prazer, porém, podem ser vencidas — como Jesus mostrou — mediante a oração, a penitência, o jejum e as obras de misericórdia.

## Atitude ante a violência

A fé, que dá a chave de compreensão sobre a natureza da violência, indica também os critérios para firmar a atitude cristã frente à violência.

O Antigo Testamento mostra que Deus criou o homem para a paz e a fraternidade. Por isso, condena o crime de Caim. No Decálogo declara rigorosamente: «Não matarás». E os profetas denunciaram todas as formas de injustiça e anunciaram a paz que é fruto da justiça.

No Novo Testamento, Jesus, sem ferir os direitos de ninguém, denuncia a opressão e as injustiças de seu tempo. E anuncia um mandamento novo, o mandamento do amor, propondo o perdão das ofensas, o amor aos inimigos, exigindo que «o cristão arranque do coração o ódio e a ira, a soberba e a cobiça, porque é do coração que procedem todas as violências injustas» (nº 64).

No entanto, como encarnar o mandamento de Jesus na luta social e nas contendas pessoais? Sem querer a morte do outro e comprometido com a verdade e a justiça, o cristão se opõe com firmeza às formas de opressão e violência. Certo de que o amor é mais forte do que a morte, luta por construir a solidariedade e fraternidade entre os oprimi-

dos, no sentido de resistir firme e permanentemente à agressão dos opressores, e desarticular a espiral da violência. O apelo à fraternidade e a rejeição à violência sempre esteve presente na consciência da Igreja e hoje se exprime sobretudo na Encíclica de João Paulo II, "Dives in Misericórdia": «A violência só poderá ser banida pela vivência radical da misericórdia que, de certo modo, é a essência mesma da relação fraterna» (D.M. nº 14).

## Desafios concretos da violência para a consciência cristã.

A escalada da violência e a ineficácia dos meios para detê-la estão conduzindo a sociedade brasileira à perigosa opção da auto-defesa. Os indivíduos se armam sob o pretexto de legítima defesa. Não há dúvidas de que a legítima defesa é um direito: o de rechaçar a violência que ameaça a integridade pessoal. Mas essa repulsa não pode ser motivada pelo ódio ao possível agressor, pois esta obsessão conduziria a sociedade a uma espécie de estado de beligerância incontrolável. «Tenta-se justificar, a partir daí, as incursões preventivas, em geral executadas à margem da lei e da justiça, com o uso arbitrário da prepotência repressiva. Alimenta-se, também, a sede de vingança que se perpetua na escalada de retaliações. Perde-se a confiança na organização da sociedade e se aceitam, como reações normais, as formas de praticar a justiça pelas próprias mãos» (nº 79).

Além dos conflitos individuais, existem os *conflitos sociais*. «Reconhecer a existência de diferenças sociais crescentes que, por sua vez, provocam na dinâmica da convivência social tensões e conflitos, é apenas uma constatação. Essas diferenças e conflitos são sinais que manifestam a existência de estruturas sociais injustas e opressoras, fruto individual e social» (nº 81).

Como reconheceu João Paulo II, na encíclica "Laborem Exercens", criou-se um conflito entre capital e trabalho, «o que levou a uma inaudita exploração dos trabalhadores» (nº 81), cuja reação social foi eticamente justa. Entretanto, o programa da Igreja discorda da forma como tanto o capitalismo quanto o socialismo marxista vêm enfrentando este conflito. Ela propõe a transformação da sociedade, uma luta pela justiça e fraternidade, a partir da «opção preferencial e solidária pelos pobres» (nº 82), mas «será sempre uma luta em prol do justo bem, e não uma luta contra os outros» (nº 82).

Enfim, este capítulo do texto-base se conclui reafirmando que a missão da igreja é evangelizar. E evangelizar significa renovar toda sociedade a partir de dentro. Para isso, a evangelização inclui a mensagem explícita, adaptada às diversas situações e continuamente atualizada sobre os direitos e deveres da pessoa humana, a vida familiar, a vida em sociedade, a vida internacional. E, hoje, ela inclui sobretudo uma vigorosa mensagem sobre a libertação.

## Como a fraternidade vence a violência?

A Campanha da Fraternidade 83 quer levar os cristãos a refletir sobre a seguinte questão: o que se pode e se deve fazer diante da atual escalada da violência nas suas diversas formas? E neste sentido, é preciso encontrar respostas adequadas para se definir linhas de ação.

Tudo o que foi colocado até aqui no texto-base, se resume em duas premissas para a ação. A primeira é que a repressão não resolve o problema da atual escalada da violência. E a segunda é que, no esforço para conter a escalada da violência, a consciência cristã exclui o recurso a meios violentos e inclui o apelo à fraternidade.

Neste sentido, os bispos apóiam a caminhada de experiências, movimentos e organizações que se inspiram nos princípios da não-violência ativa. E, diante das estruturas econômicas e políticas geradoras de injustiças e violências, propõem que se estimulem «formas participativas mais intensas e de menores proporções que valorizam a liberdade e originalidade de cada ser humano» (nº 100).

A Igreja no Brasil propõem-se a conscientizar e mobilizar todos os cristãos para realizar sua opção preferencial pelos pobres e reorganizar a sociedade segundo «o princípio ético da primazia do trabalho sobre o capital». (nº 104). Propõe-se, também, a «solidarizar-se com todas as formas pacíficas de denúncia contra as diversas formas de violência, de onde quer que surjam» (nº 105).

Neste esforço para construir a fraternidade, «é importante educar para a fraternidade, para a não-violência, para o sentido de cooperação e não de competitividade» (nº 108). Da mesma forma, «a experiência cristã é desafiada a formar o seu senso crítico ante a influência dos meios de comunicação e ante suas complicitades secretas com as diversas formas de violência» (nº 111).

Enfim, a Igreja vê a necessidade

de promover uma avaliação de seus próprios mecanismos de decisão para verificar quais violências ocorrem em seu interior. E, por outro lado, propõe que a campanha da fraternidade seja «um momento privilegiado de cooperação ecumênica, mobilizando as Igrejas e Confissões Irmãs para um projeto comum que estreite sempre mais os laços mútuos de fraternidade» (nº 114).

## Indicações concretas para a ação

A CNBB indica algumas formas concretas de ação. Em primeiro lugar, propõe que se promovam as devoções tradicionais e atuais do povo e se desenvolvam as atividades do Ano Vocacional - 1983 - no sentido de «despertar e conscientizar as comunidades para a grandeza e a responsabilidade da vocação cristã, fundamentalmente uma vocação a serviço da fraternidade» (nº 118).

Em segundo lugar, propõe que se incentivem as várias formas de estudos e debates, a nível local e nacional, nas universidades e centros de estudo. É necessário fazer questionamentos claros e precisos, no sentido de explicitar as causas da violência e descobrir formas concretas de superação em todos os setores da sociedade, na organização econômica e política, na escola e na família (nº 119 - 123).

Em terceiro lugar, a CNBB vê a necessidade de as comunidades nacional e local encontrar os meios eficazes de promover iniciativas que levem as vítimas a se libertarem desta violência (nº 124). Neste sentido, propõe que «cada paróquia ou grupo procure constatar os problemas locais e agir sobre os fatos» (nº 125) e se criem espaços para uma participação maior de todos nos grupos intermediários, nas agremiações de bairro, nos grupos profissionais e sobretudo nas Comunidades Eclesiais de Base.

Enfim, propõe que se intensifiquem as várias ações pastorais da Igreja: a pastoral de menores abandonados e carentes, a pastoral penitenciária, os centros de defesa dos Direitos Humanos, as Pastorais da Terra, dos Migrantes, dos Índios, dos favelados e moradores, e a Pastoral Operária.

E o texto conclui: «Fraternidade Sim - Violência Não! Que a CF 83 conscientize as vítimas de todas as formas de violência a compreenderem que não estão sozinhos para vencer a violência (...) A fraternidade vencerá a violência, como o amor vence o ódio» (135).

Reinaldo M. Fleuri